

# Hipoteca política

*Guilherme Prunha*

A engenharia política que produziu o primeiro ministério pós-regime militar, em 1985, levou seu mentor, Tancredo Neves, para o Além. Mesmo para uma raposa política como ele, tarimbado no jogo de pressões e contrapressões dos bastidores, foi impossível administrar tantos e tamanhos apetites. Tancredo não sobreviveu à sua obra, nem teve o dissabor de administrá-la. Sarney herdou o abacaxi.

Hoje, quando se lembra daqueles tempos, Sarney resume: "Governei sob uma hipoteca política — e o mínimo que posso dizer é que, daquele jeito, não quero nunca mais".

Sarney pagou o preço de não ter sido eleito pelo voto direto e de gerir uma coalizão sobre a qual não tinha comando. Era refém dos dois partidos que o apoiavam: PFL e PMDB. Seu governo tinha uma eminência parda: Ulysses Guimarães, que presidia simultaneamente o maior partido do país, o PMDB, a Câmara dos Deputados e a Assembléia Nacional Constituinte. Era o tripresidente.

De quebra, era o substituto natural do presidente da República nas suas ausências e impedimentos, o que o tornava, frequentemente, tetrapresidente. O governo Fernando Henrique não possui um condestável com tais e tamanhas atribuições. Possui, porém, um número maior de partidos, na coalizão de seu governo: além de PFL e PMDB, há o PSDB, o PTB e o PPB. Os apetites se equivalem. Idem os métodos de pressão.

A vantagem de Fernando Henrique em relação a Sarney é a de não ser um presidente biônico. Foi eleito, e bem eleito, já no primeiro turno. Em compensação, Fernando Henrique, diferentemente de Sarney, é refém da reeleição. Além de ter reformas em andamento no Congresso, quer mais um mandato, o que o impede de indispor-se com qualquer de seus aliados. O resultado disso está expresso no perfil do novo ministério e nas acrobacias que o presidente fez para montá-lo.

O Ministério da Reforma Institucional (Mirin) já foi alvo de to-

das as anedotas. Não se sabe ainda para que serve. Aparentemente, substitui o da Articulação Política, que, por sua vez, nunca articulou coisa alguma. A articulação política sempre foi feita pelo próprio presidente com os caciques dos partidos aliados.

Se o Mirin surge para encaminhar as reformas em curso no Congresso, então o que mudou foi mesmo a tabuleta. É como se, para agradar aos aliados, o presidente extinguisse o Ministério da Agricultura e, a seguir, criasse o Ministério da Plantação. Algo assim.

A reforma reacomodou os aliados. O tal perfil técnico que o presidente dizia buscar sobreviveu numa única e escassa indicação: a do embaixador José Botafogo Gonçalves, para o Ministério da Indústria e Comércio. No mais, triunfou a mesma lógica que levou Tancredo para o Além, a tal hipoteca política a que se referiu José Sarney.

Se difícil foi montar o monstro, mais difícil será governá-lo. Que o presidente tenha boa sorte é o que a nação aflita pode desejar.